

Em defesa do “idiota” FHC

EMIR SADER *

JORNAL DO BRASIL

05 AGO 1996

Nunca uma ideologia fica tão clara como quando trata de caracterizar seu “outro”, seu adversário. A direita, sempre afetada por complexo de inferioridade no plano da inteligência, não se defende — ataca. Ela tem que superar uma pesada carga — afinal, somente neste século, arcar com Mussolini, Hitler, Franco, Salazar, Pinochet, Videla, Médici, entre outros, não é tarefa fácil. Do que se trata então é de desqualificar a esquerda e, antes de tudo, o fato de que abrigou ao longo do século, o que de melhor a inteligência humana produziu.

Essa atitude é mais freqüente naqueles que um dia se consideraram de esquerda e que passam o resto de seus dias reafirmando que já não o são — renegando seu “erro de juventude” —, falando o tempo todo para as elites que agora já são “absolutamente confiáveis”. Quem não conhece intelectuais que foram de esquerda e cuja pena gasta 90% de sua tinta atacando a esquerda, apesar de não se assumirem como de direita? Suas farpas se voltam centralmente para os de baixo e o respeito, para os de cima. Nada melhor para defini-los como de direita. Mas ser de direita implica um ônus muito duro. Quase ninguém se assume como de direita, como quase ninguém se assume como neoliberal, como uma confissão explícita não somente que se trata de uma ideologia associada à ignorância, à repressão, à tortura, à queima de livros, ao atraso, como significa confessar que se anda de braços com o que de pior produz e reproduz nossas sociedades.

O mais novo empreendimento editorial da direita é um “Manual” publicado pelo filho de Vargas Llosa — correspondente do jornal franquista espanhol *ABC*, em Londres —, junto com um cubano exilado e um jornalista colombiano, que pretende caracterizar a esquerda como “idiota”. No final do volume, precedendo um *Index Expurgatorius* — recordando suas origens inquisitoriais, os autores fazem uma lista dos livros que comoveram ao “idiota latino-americano”.

Saiba que se você leu e gostou de *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, de *O homem unidimensional*, de Marcuse, de *Para ler o Pato Donald*, de Mattelart e Dorfman, de *Os condenados da terra*, de Franz Fanon



ou — pasmem! — de *Dependência e desenvolvimento na América Latina*, de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, você seria um “perfeito idiota latino-americano”. A lista se completa com *A história me absolverá*, de Fidel Castro, com *A guerra de guerrilhas*, do Che, com *Revolução na revolução*, de Debray, com *Os conceitos elementares do materialismo histórico* de Marta Harnecker e com *Para uma teologia da libertação*, com Gustavo Gutiérrez.

O que esses livros têm em comum? o ataque ao capitalismo, ao primeiro mundo, à dependência, aos dogmas eclesiais, ao colonialismo. A principal obra teórica de FHC — caracterizada pelos autores como “um breve manual” — toca em algo que para os latino-americanos que renegaram o continente — recordemos que Vargas Llosa, o pai, renunciou à sua nacionalidade peruana, para assumir a espanhola — é inaceitável: as responsabilidades das potências coloniais e imperialistas no atraso e nas deformações de nossas sociedades, com o beneplácito das nossas elites, algo que qualquer historiografia minimamente consistente — de lá ou daqui — atesta. Veja-se, por exemplo, um “perfeito idiota” italiano como Antonello Gerbi, em seu *O Novo Mundo — História de uma polêmica — 1750-1900*, recentemente publicado pela Cia. das Letras, onde são rebatidas sistematicamente todas as críticas sobre a inferioridade da América, desde aquelas de origem natural até as de caráter cultural.

Na hora de citar exemplos positivos dentro do capitalismo, significativamente a América Latina está ausente. Eles têm que apelar para os “tigres asiáticos”, exatamente os que caminharam contra a corrente neoliberal por que os autores juram.

Escritores como Marcuse “chegaram” aos EUA, como se tivessem escolhido o “paraíso capitalista” e não estivessem fugindo de um dos mais expressivos filhos do capitalismo deste século — o nazismo de Hitler. Não escapa ninguém que represente um pensamento crítico, humanista, como Wright Mills, Galbraith, Myrdal, além, é óbvio, de Freud, Marx, sobrando até para a Anistia Internacional, que tem uma frase sua incluída no Index: “As reformas econômicas, sobretudo a adoção de medidas que promovem uma economia de livre mercado, exarcebaram as tensões sociais e acirraram os protestos (na Colômbia) nos últimos anos.”

Mas para a nova direita não interessam os argumentos — interessam os espaços nos meios de comunicação e, principalmente, no mercado. Não demorará até que uma editora brasileira — dessas que têm os dois olhos postos nas vendas — publique e contribua assim para o obscurantismo cultural, por um punhado de dólares. Menos grave que outras tantas obras fiquem sem edições brasileiras, contanto que as caixas registradoras tilintem — esse ruído que define a inteligência para a nova direita.